

# O Professor Adelson leu, refletiu e convida a todos para pensarem a respeito (???)

Fonte: revista Caros Amigos  
Editora: Caros Amigos LTDA

## A NOVA CLASSE MÉDIA E A NOVA NORMA URBANA CULTA

É de grande importância para as questões sobre língua e ensino no país o que ocorreu nos últimos dez anos: a maior redução de pobreza da história do Brasil e a conseqüente ascensão da chamada nova classe média, um fenômeno reconhecido até mesmo pelos nossos meios de comunicação mais conservadores. Numa reportagem de 2008, a revista *Época*, após descrever o fenômeno, admitia: “Conhecer a nova classe média brasileira é, portanto, fundamental para entender o futuro do Brasil”. E levantava as seguintes questões. “Quem são essas pessoas? Como melhoraram de vida? Que impacto podem provocar? Quais desafios trazem para o país?”

Ora, às perguntas feitas na reportagem podemos acrescentar: Como falam essas pessoas da nova classe média? Que impacto podem (e sem dúvida vão) provocar no conceito de norma urbana culta ou, como prefiro chamar, variedades urbanas de prestígio? Sendo metade

da população, não é de se prever que suas características linguísticas vão se expandir, alcançar o “miolo” da pirâmide social e, com uma possível ascensão maior, chegar ao topo dessa pirâmide? Sabendo também que a grande maioria das e dos docentes hoje provêm dessas camadas sociais, que impacto a língua falada por elas/eles vai exercer no ensino de língua na escola?

Um exemplo simples desses fenômenos é o emprego da construção para + mim + INFINITIVO: Preciso desses exames PRA MIM PODER te dar um diagnóstico definitivo. Foi o que me disse um médico de renome que consultei em São Paulo. Essa construção sintática já vem documentada na literatura romântica brasileira do século XIX (no romance *Inocência*, de Taunay, 1872, aparece um personagem rural que usa essa sintaxe sistematicamente). Até pouco tempo atrás, ela era muito estigmatizada pelos mais letrados, tida como própria dos falantes menos

escolarizados ou sem qualquer escolarização, habitantes da zona rural ou das periferias marginalizadas das grandes cidades. Quem não se lembra de alguma professora, na década de 1960 ou 1970, repetindo o chavão: “Mim não faz nada”?

Ora, hoje em dia é possível afirmar que ela é empregada pela ampla maioria da população, incluindo membros das antigas e das novas classes médias. A condenação unânime dos defensores da norma-padrão tradicional serviu de barreira contra essa construção sintática durante o longo período de nossa história em que a fala urbana de prestígio era restrita a uma parcela muito reduzida da população. Mas o que vai ocorrer a partir de agora? Essa barreira já foi rompida na língua falada pois é assim que se expressa oralmente a maioria da população brasileira, incluindo pessoas altamente escolarizadas como médicos, engenheiros, economistas, professores (inclusive de português) etc. É mesmo possível dizer que, entre as pessoas mais letradas, essa sintaxe caracteriza os habitantes da cidade e do estado de São Paulo (como aliás já dizia Taunay em nota de rodapé de seu romance). A represão ainda vigora com sucesso nos gêneros textuais mais monitorados, que são o último reduto das formas linguísticas canonizadas pela tradição normativa. Até quando eles resistirão é uma questão que vai depender da dinâmica social. Quem viver os próximos cinquenta anos verá! ©

Marcos Bagno é linguista, escritor e professor da UnB – [bagno.marcos@gmail.com](mailto:bagno.marcos@gmail.com)